

**ANALISANDO NARRATIVAS NA PESQUISA QUALITATIVA:
NOTAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DE NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS EM ESTUDOS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS**

ANALIZANDO NARRATIVAS EN INVESTIGACIÓN CUALITATIVA:
NOTAS SOBRE EL USO DE NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS EN
ESTUDIOS DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES

ANALYZING NARRATIVES IN QUALITATIVE RESEARCH:
NOTES ON THE USE OF AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES IN
STUDIES OF SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES

DOI:

<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024007>

Ensaio

Recebido: 07/03/2024

Aprovado: 02/05/2024

Publicado: 13/05/2024

Renan Vieira de Santana Rocha^a

 <https://orcid.org/0000-0003-4981-2854>

^a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Santos, São Paulo, Brasil. E-mail: renan.rocha@unifesp.br

Resumo: O presente ensaio teórico-metodológico, guiado a partir de uma revisão narrativa da literatura científica, discute o uso de narrativas autobiográficas como fonte de dados em pesquisas qualitativas das Ciências Sociais e Humanas. Destacando a diversidade na pesquisa com narrativas, procura-se observar e enfatizar o quanto elas são construções discursivas que reconstituem tempos e espaços históricos, variando de acordo com diferentes escolas de pensamento. Assim, discute-se e destaca-se a relevância contemporânea dos estudos sobre narrativas, em diálogo com um *pot-pourri* de autoras/es que exploram esse método. Conclui-se que a pesquisa com narrativas, especialmente quando autobiográficas, é considerada uma abordagem de fundamental importância na compreensão da experiência humana – e o método de Análise de Narrativas Autobiográficas é apresentado, em especial, como uma abordagem escolhida para o estudo em questão. Em suma, o estudo enfatiza a subjetividade nas narrativas em sua dimensão sobremaneira coletiva, e reitera a importância de contextualizá-las nas dinâmicas sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais.

Palavras-chave: Análise de Narrativas; Narrativas Autobiográficas; Pesquisa Qualitativa; Ciências Sociais; Ciências Humanas.

Resumen: El presente ensayo teórico-metodológico, guiado a partir de una revisión narrativa de la literatura científica, discute el uso de narrativas autobiográficas como fuente de datos en investigaciones cualitativas de las Ciencias Sociales y Humanas. Destacando la diversidad en la investigación con narrativas, se busca observar y enfatizar cómo son construcciones discursivas que reconstruyen tiempos y espacios históricos, variando según diferentes corrientes de pensamiento. Así, se discute y resalta la relevancia contemporánea de los estudios sobre narrativas, en diálogo con una variedad de autoras/es que exploran este método. Se concluye que la investigación con narrativas, especialmente cuando son autobiográficas, se considera un enfoque de importancia fundamental para comprender la experiencia humana; y se presenta el método de Análisis de Narrativas Autobiográficas, especialmente como un enfoque elegido para el estudio en cuestión. En resumen, el estudio enfatiza la subjetividad en las narrativas en su dimensión colectiva significativa, y reafirma la importancia de contextualizarlas en las dinámicas sociales, económicas, políticas, históricas, culturales y ambientales.

Palabras clave: Análisis narrativo; Narrativas autobiográficas; Investigación cualitativa; Ciencias sociales; Humanidades.

Abstract: The present theoretical-methodological essay, guided by a narrative review of the scientific literature, discusses the use of autobiographical narratives as a data source in qualitative research in the Social Sciences and Humanities. Highlighting the diversity in narrative research, the aim is to observe and emphasize how they are discursive constructions that reconstruct historical times and spaces, varying according to different schools of thought. Thus, the contemporary relevance of narrative studies is discussed and emphasized, in dialogue with a variety of authors who explore this method. It is concluded that research with narratives, especially when autobiographical, is considered an approach of fundamental importance in understanding human experience - and the method of Autobiographical Narrative Analysis is presented, especially as an approach chosen for the study in question. In summary, the study emphasizes the subjectivity in narratives in their significantly collective dimension, and reaffirms the importance of contextualizing them in social, economic, political, historical, cultural, and environmental dynamics.

Keywords: Narrative Analysis; Autobiographical Narratives; Qualitative Research; Social Sciences; Humanities.

1. Introdução

A pesquisa com narrativas é diversa e, certamente, não produzida por uma única voz, uma única forma de pensar e uma única forma de fazê-la acontecer (Jovchelovitch; Bauer, 2002; Wittizorecki *et al.*, 2006; Souza; Souza, 2007). É dotada de várias possibilidades técnicas, éticas e interpretativas, a partir de diferentes escolas do pensamento e aplicada em diferentes campos da produção do conhecimento (Jovchelovitch; Bauer, 2002; Wittizorecki *et al.*; 2006; Souza; Souza, 2007; Lyra; Ribeiro; DeConti, 2018).

Sobre elas, enquanto Jovchelovitch e Bauer (2002) nos dirão que “não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (ibidem, p. 91), Wittizorecki e colaboradores (2006) nos dirão que “as narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo o lugar” (ibidem, p. 10). E, enquanto estes últimos dizem-nos também que “(...) de alguma forma narramos. Narramos fatos, feitos, fenômenos. Narramos experiências, sentimentos, outras pessoas e nos narramos” (ibidem, p. 10), sobre o seu estudo, Lyra, Ribeiro e DeConti (2018) nos afirmam que “as narrativas são estudadas com diferentes propósitos, sendo concebidas de diferentes maneiras” (ibidem, p. 01).

Talvez por tais reconhecimentos, a pesquisa com narrativas tem encontrado terreno fértil na produção acadêmico-científica das últimas décadas. Escapando de modelos mais estruturados de produção de dados em pesquisa, ela aponta para um horizonte fundamentalmente dialógico e menos “encaixotado”, em que o “contar histórias” constitui-se de possibilidade de revisitação da realidade (Jovchelovitch; Bauer, 2002; Wittizorecki *et al.*; 2006; Souza; Souza, 2007; Lyra; Ribeiro; DeConti, 2018). Nas palavras de Wittizorecki e colaboradores (2006), esta forma de pesquisa, ao centralizar a narração de histórias, se constituirá como o método “[...] que melhor se adapta à compreensão da historicidade da experiência humana como uma ação contextualizada” (ibidem, p. 26).

Outrossim, a título de problematização, avanços na pesquisa qualitativa com narrativas têm sido substanciais, especialmente pela sua capacidade de proporcionar uma

compreensão mais profunda e mais contextualizada da experiência humana (Jovchelovitch; Bauer, 2002; Wittizorecki *et al.*; 2006; Souza; Souza, 2007; Lyra; Ribeiro; DeConti, 2018). Esta abordagem teórico-metodológica, como veremos, em sobrevoo, oferece uma plataforma técnica acurada para a análise detalhada das complexidades subjetivas – individuais e sociais – que emergem da exploração de narrativas. Além disso, os avanços na metodologia têm permitido uma compreensão igualmente mais técnica e mais apuradas das “dinâmicas narrativas”, contribuindo para a validade e, sobretudo, a confiabilidade dos resultados obtidos.

Contudo, apesar destes avanços notáveis, a pesquisa qualitativa com narrativas não está isenta de limitações significativas que demandam de cuidadosas considerações (Wittizorecki *et al.*; 2006; Souza; Souza, 2007; Lyra; Ribeiro; DeConti, 2018). Uma preocupação central, a título de exemplo, reside na subjetividade inerente à interpretação das narrativas, o que pode introduzir vieses de pesquisa e comprometer a (pretensa) “objetividade” dos resultados. Além disso, a necessidade de proteger a confidencialidade e o bem-estar dos participantes deste tipo de pesquisa é uma consideração fundamental, especialmente em contextos em que a divulgação de informações sensíveis pode expor indivíduos ao reconhecimento público de suas narrativas particulares.

Por tais premissas, consideramos que a pesquisa com narrativas – em que se destaquem as de tipo autobiográfico – podem revelar-se como importantes produções de conhecimento acerca da experiência humana e, sobretudo, da própria história humana, o que denota à Análise de Narrativas um reconhecido lugar entre os métodos que utilizamos para pesquisar nas Ciências Sociais e Humanas¹. Entretanto, a “Análise de Narrativas” não se constitui como método unívoco; do contrário, ela é vista a partir de diferentes prismas quanto aos seus saberes-fazer e, por isso, apresentamos este ensaio teórico-metodológico (Meneghetti, 2011).

A análise objetiva observar o uso de narrativas autobiográficas como fonte de dados em pesquisas qualitativas, ao passo em que, para tal, apresentará leituras de

¹ Muito embora a unidade das Ciências Sociais e Humanas seja problemática, tendo em vista ser este um campo bastante heterogêneo, procuramos não necessariamente delimitar teórico-metodologicamente um subcampo em particular deste campo de análise; precisamente por compreendermos que a reflexão teórico-metodológica aqui presente pretende encontrar, na própria multiplicidade posta, caminhos comuns para a prática qualitativa em pesquisa em tal campo.

diferentes autoras e autores, nacionais e internacionais, quanto a tal objeto. Deste modo, pretendemos (re)afirmar a Análise de Narrativas como uma rica possibilidade teórico-metodológica para pesquisar nas Ciências Sociais e Humanas, e, ao cabo, dialogar acerca das narrativas a partir das leituras da Análise de Narrativas Autobiográficas, que fora escolhida dentre o leque da Análise de Narrativas, como exemplo, para o estudo em questão².

Isto dito, passemos, então, ao diálogo proposto.

2. Notas Gerais sobre Narrativas em Ciências Sociais e Humanas

Registros históricos irão nos apontar que entre os primeiros teóricos a desenvolver estudos sobre as narrativas em nossa sociedade, encontra-se o filósofo russo Mikhail Bakhtin (Bakhtin, 2008; Machado, 1998; Germano; Bessa, 2010). Bakhtin desenvolveu grande parte de seus estudos perscrutando a linguagem humana, compreendendo esta como uma construção marcada pelo dialogismo (Bakhtin, 2008; Germano; Bessa, 2010). Em outras palavras, na perspectiva do filósofo, o princípio dialógico, constituinte basilar da linguagem humana, se dá pelo desenvolvimento da palavra, e de tudo o que ela representa, no laço comunicacional; assim: “(...) a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra, apoia-se sobre meu interlocutor” (Bakhtin, 2008, p. 113).

No transcorrer de seus estudos, Bakhtin chegará à conclusão de que a linguagem é condição fundamental para o desenvolvimento da humanidade, e que o seu estudo pode ser uma forma bastante significativa de compreensão sobre como se conforma a própria

² Em tempo, na condição de um ensaio teórico-metodológico, as referências utilizadas foram selecionadas a partir de um modelo inspirado no de revisão narrativa, em que, nas palavras de Rother (2007): “Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual” (p. 05). Em outras palavras: “As revisões narrativas não informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca das referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos” (p. 05), na medida em que elas se constituem, basicamente, de uma “(...) análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e *análise crítica pessoal do autor*” (p. 05, grifo nosso). A seleção de textos por via de um modelo de revisão narrativa, outrossim, serve muito bem à fundamentação de um ensaio teórico-metodológico, na medida em que, como nos diz Meneghetti (2011): “Diferente do método tradicional da ciência, em que a forma é considerada mais importante que o conteúdo, o ensaio requer sujeitos, ensaísta e leitor, capazes de avaliarem que a compreensão da realidade também ocorre de outras formas.” (p. 321).

realidade, compreendendo que esta é, também, fruto das relações (dialógicas) humanas (Bakhtin, 2008; Machado, 1998; Germano; Bessa, 2010).

Em Bakhtin (2008), narrativas, por sua vez, enquanto reconstituições de experiências humanas, narradas a partir da linguagem, podem configurar-se como estratos bastante representativos dos contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, culturais e ambientais em que se encontram inseridas, em que um ser humano, ao deparar-se com a narração de outro, “(...) nunca encontra previamente a palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros. Absolutamente. A palavra, ele a recebe da voz de outro e repleta de voz de outro” (Bakhtin, 2008, p. 232).

De contribuição também bastante relevante ao pensamento europeu sobre as narrativas, encontraremos os estudos do filósofo francês Paul Ricoeur (Silva; Nahur, 2020). Nas palavras do filósofo, em uma de suas obras mais consagradas, “a vida tem a ver com a narração” (Ricoeur, 2010, p. 197). Se assim o é, Ricoeur afirma que os seres humanos exprimem no texto (enquanto *mimetismo de narrativas*) um esforço de fazer valer a sua existência, existência esta que pode perpetuar-se na medida em que, pelo texto, autor e leitor se encontram, quase que (com ressalvas) atemporalmente. Logo, um autor, ao escrever sobre sua experiência, sua época, sua cultura, opera uma “apropriação de nosso esforço de existir e de nosso desejo de ser através das obras que testemunham esse esforço e esse desejo” (Ricoeur, 1989, p. 21).

Em franco diálogo com perspectivas fenomenológico-existenciais, Ricoeur defenderá que o texto é, à vista disso, uma forma de “permanecer existindo”, que acaba constituindo uma representação simbólica acessível a outras pessoas que leiam o texto em momentos outros, mediando, histórica e culturalmente, uma possibilidade de “compreensão à distância” (ibidem, p. 123) acerca de determinado contexto, e que é capaz de ultrapassar a própria existência de seu autor.

Com efeito:

O texto, como uma composição literária, escapa da referência imediata, distancia-se da linguagem cotidiana e introduz através da ficção novas possibilidades de ser-no-mundo. (...) O mundo do texto, através de sua configuração, cria um mundo de significações que nasceram de uma cultura,

de uma história e de um conjunto de vivências e, além disso, ele é autônomo, independente do seu autor (ibidem, p. 184).

Em diálogo com estes autores de base (mas não apenas com eles), diferentes escolas de pensamento contemporâneo sobre as narrativas e as possibilidades de seus usos em pesquisas surgirão, destacando-se, neste cenário, as produções que derivam do continente europeu³, e de campos do conhecimento correlacionados à Filosofia, à Psicologia e às demais Ciências Sociais e Humanas – inclusive em interfaces com diferentes pautas de Direitos Humanos.

No âmbito dos estudos contemporâneos em Psicologia, Ciências Sociais, Letras, Literatura, Gênero e Feminismo, por exemplo, veremos significativos aportes a partir de pesquisadoras como Molly Andrews, Corinne Squire e Maria Tamboukou – autoras que se destacam pela publicação de obras como *Doing Narrative Research* (2008)⁴ – e de pesquisadores como Jens Brockmeier e Kenneth Plummer – autores que, por sua vez, se destacam pela publicação de obras como *Between Life and Story: Possibilities and Limits of the Psychological Study of Life Narratives* (1999)⁵ e *Narrative Power: The Struggle for Human Value* (2019)⁶, respectivamente.

Veremos, da leitura de Andrews, Squire e Tamboukou (2008), que as pesquisas narrativas se expandiram consideravelmente nas Ciências Sociais e Humanas ao longo das últimas décadas, possivelmente pela riqueza que estas possibilitam quanto à compreensão da complexidade discursiva que há nos relatos narrativos – ainda que esta mesma riqueza não revele, sobremaneira, uma coesão ou visão única sobre o uso de narrativas em pesquisas, haja posta uma ampla gama de definições possíveis para o vocábulo “narrativa”.

Reconhecendo a diversidade que pode haver nesta definição, Squire (2014), em particular, dirá, então, que, em sendo as narrativas “[...] uma cadeia de signos com

³ É mister ressaltar que a produção bibliográfica sobre pesquisas com narrativas não é algo restrito ao contexto europeu. No contexto estadunidense, p. ex., veremos que as contribuições de Catherine Kohler Riessman (1993) são de notório reconhecimento. Entretanto, e a despeito disto, pela amplitude dos estudos desenvolvidos no continente europeu acerca deste método, e especificamente acerca deste quesito, privilegiaremos a análise a partir deste lócus de produção de conhecimento.

⁴ *Fazendo Pesquisa Narrativa*, em tradução livre.

⁵ *Vida e História: Possibilidades e Limites do Estudo Psicológico de Narrativas de Vida*, em tradução livre.

⁶ *Poder Narrativo: A Luta pelo Valor Humano*, em tradução livre.

sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais” (ibidem, p. 273), devemos cuidar para não reduzi-las a teorias ou representações totalitárias da realidade que elas historicizam, mas que podemos apreendê-las como “[...] conjuntos de signos que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível” (ibidem, p. 273) e que, nesta movimentação, estas podem, sob um olhar ético do pesquisador, representar um tempo e um espaço vividos por um sujeito ou mais sujeitos, de maneira a que este(s) possa(m) dizer algo suficientemente válido sobre tal.

Esta ressalva final de Squire (2014) nos transporta, imediatamente, para uma síntese compreensiva, que é: a pesquisa com narrativas pode, então, colaborar diretamente na reconstituição de realidades temporal e especialmente localizadas, mas com a máxima cautela de não assumirmos experiências particulares como amálgamas absolutamente generalizáveis. Este ímpeto de *ressalvar*, por conseguinte, será acompanhado por um ímpeto igualmente poderoso de *avançar*, que é, ao mesmo tempo, rico e cauteloso, e que encontra coro entre os pesquisadores brasileiros, a exemplo de Castellanos (2014) e Onocko-Campos e colaboradores (2013). É isto o que veremos a seguir.

3. Notas Particulares sobre Narrativas no Cenário de Pesquisas Brasileiras

Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos (2014), professor e pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é quem definirá as narrativas como formas de “estabelecimento do sentido de ser-no-mundo, na medida em que situa[m] os eventos e as ações em ‘dramas’ instituídos na ordem temporal do vivido” (ibidem, p. 1071). Ao fazê-lo, o autor novamente nos aproxima das perspectivas fenomenológico-existenciais sobre as narrativas, e leva-nos à conclusão de que estas podem ser, em seu desfecho, suficientes “modos de elaboração da experiência social” (ibidem, p. 1071). Se assim as compreendermos, reforça-se o argumento que vai começando a se apresentar a partir das diferentes autoras e autores aqui em diálogo: as narrativas podem ser estratos de uma realidade, têmporo-espacialmente localizada, que, aos olhos e representações de um determinado sujeito, nos sejam fontes de dados razoáveis e hábeis para fins de pesquisa.

Por sua parte, no campo da saúde, Rosana Onocko-Campos, pesquisadora e professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), corroborará com os entendimentos já apresentados de Andrews, Squire e Tamboukou (2008) e Castellanos (2014). Ela, em estudo com colaboradores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos sinaliza que o uso de abordagens narrativas em pesquisas de cunho qualitativo, no campo da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais em Saúde, em suas mais diferentes escolas, tem se mostrado cada vez mais frequente nos estudos acadêmico-científicos, inclusive no Brasil, especialmente aqueles voltados a compreender diferentes experiências e diferentes pontos de vista de sujeitos sobre determinados processos que envolvem saúde e adoecimento(s), utilizando-se destas compreensões para a leitura de uma realidade social, sempre temporal e espacialmente localizada (Onocko-Campos *et al.*, 2013).

Mais ainda, dizem-nos que:

Alguns estudos defendem a narrativa como uma ferramenta essencial na construção de significados para a existência humana e demonstram a importância do seu uso como forma de descrever experiências vividas, especialmente em relação ao adoecimento. Também apontam a narrativa como possibilidade de ampliação da prática clínica, discutem diferentes abordagens e estruturas narrativas e enfatizam sua utilização no âmbito de pesquisas qualitativas (Onocko-Campos *et al.*, 2013, p. 2848).

Discutindo três modelos metodológicos e epistemológicos possíveis para a realização de pesquisas com narrativas na área da saúde – a partir das propostas de Paul Ricoeur (já supracitado), Walter Benjamin e da Antropologia Médica – nos dizem os autores que, em Saúde Coletiva e nas Ciências Sociais em Saúde, o estudo das práticas profissionais têm se mostrado um “campo fértil e instigante”, destacando as possíveis contribuições das pesquisas com narrativas, destacadamente para o campo da Saúde Mental. Afirmam a potência que a narração de histórias pode trazer para uma reflexão prática sobre estas práticas profissionais, tanto do lugar de quem as maneja (no caso, as trabalhadoras e trabalhadores dos serviços de Saúde Mental), quanto do lugar de sujeitos/usuários(os) a quem tais práticas se direcionam (Onocko-Campos *et al.*, 2013).

Onocko-Campos e colaboradores (2013) tentam nos sinalizar, a partir de sua leitura, que o contar de histórias do vivido nos serviços de Saúde Mental pode ser material deveras significativo para pensarmos a historicidade de nossas práticas, desenhando, nas

experiências a priori individuais, leituras que revelam, também, vislumbres macroscópicos, já que uma experiência, via de regra, não reflete tão somente uma leitura individual ou individualizante, mas a expressão subjetiva e coletiva de um espaço e de um tempo em que tal experiência se sucedeu, com seus vieses subjetivos, é óbvio, mas também sociais, econômicos, políticos, históricos, culturais e ambientais.

Sobre tal, afirmam os autores que um conhecimento produzido nestes moldes tem condições de surgir e fazer-se acessível de um modo:

[...] compromissado, tanto com as experiências encarnadas e em primeira pessoa (intransferíveis, portanto) – como ocorre quando queremos saber como foi viver determinada forma de adoecer, os percursos dos pacientes e suas percepções –, quanto com a importância e a necessidade de sua ‘traducibilidade’ para o campo das políticas e das práticas, no sentido de contribuir para formar serviços mais porosos e plásticos às necessidades dos usuários e que incorporem construtivamente as experiências e os aprendizados de seus trabalhadores (Onocko-Campos *et al.*, 2013, p. 2855).

Um exemplo mais palpável do que Onocko-Campos e colaboradores (2013) tem argumentado pode ser visualizado, ainda, a partir do estudo intitulado *Saúde Mental e Racismo à Brasileira: Narrativas de Trabalhadoras e Trabalhadores da Atenção Psicossocial*, de Rocha, Torrenté e Coelho (2021), pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Neste estudo, operacionalizado a partir da realização de entrevistas narrativas com trabalhadoras e trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) em Salvador/BA, devidamente analisadas a partir do escopo da Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002), os autores nos apresentam uma análise detalhada das intersecções entre loucura e racismo no contexto do trabalho em Saúde Mental no estado da Bahia.

Por meio das narrativas coletadas junto aos profissionais em questão, vão se destacando as experiências vividas por estas trabalhadoras e trabalhadores em suas práticas, e os impactos que estas mesmas práticas profissionais terminam por ocasionar na vivência de cuidado das usuárias e usuários destes serviços, revelando os desafios encarados no próprio enfrentamento do racismo estrutural no campo das políticas públicas de Saúde Mental.

Nas palavras dos autores:

[...] o que constatamos é que o fenômeno do racismo não é uma questão que passa incólume ante os discursos (ou narrativas) apresentados pelas trabalhadoras e trabalhadores entrevistados em nosso serviço selecionado – o que nos permite pensar que, talvez, não seja, então, uma questão de todo desconhecida às/aos profissionais atuantes na Saúde Pública local. De maneira geral, as narrativas apresentadas compreendem que é à negra e ao negro (ou aos não-brancos) que se voltam os maiores efeitos prejudiciais da manifestação e/ou da manutenção desse fenômeno social no âmbito das relações cotidianas, embora apontem ser muito difícil esquadrihar e identificar os tempos e os espaços em que tais efeitos se fazem valer (ROCHA; TORRENTÉ; COELHO, 2021, p. 158).

Rocha, Torrenté e Coelho (2021) compreendem, dessarte, que o estudo das narrativas no contexto supracitado acabou por permitir um acesso mais profundo às vivências destas trabalhadoras e trabalhadores, na medida em que, de forma simples, o esforço de conceituar o racismo poderia esconder os “racismos cotidianos” que a narração de histórias não permite esconder. Então, de forma bastante interessante a este nosso estudo, concluem que:

[...] a Análise de Narrativas – como vimos, pressupõe que uma narração não se trata apenas de uma descrição de elementos vividos, mas sim de uma tentativa de reconstituição discursiva da realidade. Portanto, a narração destes casos pressupõe que os sujeitos informantes destes reconhecem nestas experiências narradas elementos fortes o suficiente para caracterizar a realidade a partir destas [mesmas] narrações (ibidem, p. 149).

Postas afirmações e exemplificações tão significativas, cremos ser possível reconhecer a validade do(s) método(s) de Análise de Narrativas como fonte de produção de dados na área da saúde no Brasil, e mais particularmente no campo da Saúde Coletiva e das Ciências Sociais em Saúde – exemplo que, aqui, escolhemos, mas que bem metaforiza as contribuições da Análise de Narrativas a tantos outros campos do conhecimento para além da saúde, quanto possíveis em nosso país.

Tendo isto dito, como dissemos, a pesquisa com narrativas é diversa, e se apresenta a partir de diferentes formas, inclusive na ideia do que são e de como se apresentam as próprias narrativas. Deste modo, em nossas pesquisas, selecionar uma perspectiva teórico-metodológica é fundamental, para que não incorramos em uma matriz ampla demais, ou em uma pulverização da leitura sobre narrativas. Reconhecendo, assim, que qualquer reducionismo seria por demais empobrecedor, queremos propor, de forma exemplificativa, uma breve análise sobre as narrativas a partir de um dos métodos possíveis que se incorpora ao que chamamos por Análise de Narrativas: a *Análise de Narrativas Autobiográficas*. Vide a seguir.

4. Notas Específicas sobre a Análise de Narrativas Autobiográficas

Dentre as possibilidades metodológicas internas à Análise de Narrativas, em sua leitura mais ampla, vemos um terreno “fértil e instigante” para compreender o uso de narrativas em pesquisas qualitativas na chamada Análise de Narrativas Autobiográficas (Schütze, 1976; 2014; Jovchelovitch; Bauer, 2002; Abrahão, 2003; Wittizorecki *et al.*, 2006; Freitas; Galvão, 2007; Brockmeier, 2015; Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016; Fernandes *et al.*, 2017; Lyra; Ribeiro; DeConti, 2018; Ventura; Cruz, 2019).

Narrativas autobiográficas, nas palavras de Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), “[...] constituem, há quase um século, fontes privilegiadas no campo epistêmico da pesquisa qualitativa interpretativista” (ibidem, p. 113), e constituem-se, por definição, em uma atividade de reflexividade autobiográfica, que é, em verdade, “uma disposição humana para refletir sobre si e as experiências vividas” (ibidem, p. 114).

Esta reflexividade autobiográfica depende da memória daquela ou daquele que narra, ao pesquisador, determinada história, sendo esta mesma memória fruto da subjetividade da narradora ou do narrador, mas também produto co-construído nas dinâmicas e nas contradições das relações sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais (Abrahão, 2003; Brockmeier, 2015; Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016). Logo, ao tomar narrativas autobiográficas como objetos de pesquisa, temos a ciência de que o trabalho incide sobre a memória. Nas diferentes correntes da pesquisa com narrativas, memória pode dar lugar a outros construtos conceituais que, ao cabo, giram em torno da mesma coisa: a capacidade de representação e/ou simbolização da realidade, enquanto coletividade, para cada sujeito.

Vejamos isto a partir dos estudos de Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003), pesquisadora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e da Universidad Nacional de Rosario (UNR, na Argentina):

A pesquisa autobiográfica – histórias de vida, biografias, autobiografias, memoriais – não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta é o componente essencial na característica do(a)

narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo (ibidem, p. 80).

Avançando nesta leitura, Abrahão (2003) nos diz que, ao trabalhar com metodologias e fontes autobiográficas, o pesquisador “conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária” (ibidem, p. 80); ou seja, como temos argumentado para as narrativas, a realidade que as autobiografias descrevem não pode ser tomada como síntese de extratos individuais ou personalíssimos, mas sim como representações socialmente construídas por seres humanos, “que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento” (ibidem, p. 80).

Desta forma, o pesquisador que trabalha com narrativas autobiográficas, ao reconhecer que trabalha com a subjetividade – da narradora ou do narrador, da sociedade que circunscreve a esta ou a este e a sua própria – “não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica” (ibidem, p. 80), na medida em que, com ressalvas, “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes” (ibidem, p. 81).

Longe de afirmar, deste ponto em diante, que toda narrativa autobiográfica permitirá proferir generalidades analíticas sobre a realidade que descreve, é importante evidenciar também os prós e os contras de seu uso em pesquisa. Convém, então, reproduzir as quatro proposições clássicas de Jovchelovitch e Bauer (2002), pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que, alicerçados na leitura do sociólogo alemão Fritz Schütze (1976; 2014) sobre o uso de narrativas autobiográficas em pesquisas, nos dizem o que seguirá sinterizado no quadro a seguir:

Quadro 01: Proposições Clássicas sobre o Uso de Narrativas Autobiográficas em Pesquisas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

<i>As narrativas privilegiam a realidade do que é experienciado pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história.</i>
<i>As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo, mas numa mediação indivíduo-coletividade.</i>
<i>As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço.</i>
<i>As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico: uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais amplo: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes.</i>

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Tais cautelas, evidenciadas por Jovchelovitch e Bauer (2002), não devem, de outro modo, servir para nós como desabonadoras da potência das narrativas autobiográficas na representação da realidade; mas sim, servem-nos como um alerta de que estas narrativas devem sempre ser tomadas como a leitura de um sujeito sobre uma determinada realidade ou fato; sujeito que é, ao mesmo tempo individual e social. Eis aí a importância de correlacionar, portanto, as narrativas em análise, sempre com: elementos outros que se evidenciam no campo de estudos em que nos inserimos; na produção dos pares que constroem, conosco, o conhecimento nestes mesmos campos; e no próprio reconhecimento do tempo e do espaço históricos que estamos a ler a partir de determinada narrativa autobiográfica.

Ou seja: a narrativa, quando sozinha, perde força analítica; mas a narrativa, sobretudo a autobiográfica, quando contextualizada com as dinâmicas e as contradições das relações sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais, bem localizadas têmporo-espacialmente, e quando em relação com o conhecimento produzido até então sobre aquilo a que ela se propõe a narrar, e, se possível, em diálogo com outras formas de narração – dentre as quais incluamos a “narração acadêmico-científica”, por assim dizer – se fortalece e melhor exemplifica, quando não metaforiza, aquilo que conceitualmente desenhamos e desejamos, a partir dela, compreender.

Estas ressalvas, todavia, podem erigir ante a nós um questionamento sobre o porquê de sua utilização em pesquisas, já que tão dotadas de subjetividade. Questionam-se, por exemplo, Ventura e Cruz (2019):

Pesquisadores narrativos amontoam linguagens, sobrecodificam e são atravessados pelas histórias que lhes são narradas. Mas se o caso é assim tão subjetivo e cheio de possíveis erros de paralaxes instrumentais e psicológicos, por que ainda nos mantemos nesta empreitada indefinida? (ibidem, p. 444).

A resposta a este questionamento se dá precisamente naquilo que motiva o seu soerguimento: a subjetividade. Subjetividade não é e nem pode ser tomada como mera representação personalista ou individualizante dos sujeitos; ela é, antes disso, construto mediado pelo ser humano com as dinâmicas e as contradições das relações sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais e ambientais em que se encontra inserido (Abrahão, 2003; Brockmeier, 2015; Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016). Se assim o é, ter a subjetividade como objeto de nossa análise, expressa na produção de narrativas autobiográficas, e contextualizada com os elementos teórico-conceituais do campo em que o pesquisador adentra, revelar-se-á, em verdade, em riqueza de sentidos e significados sobre a sociedade, o tempo e o espaço – objetos de nossa análise – que o ato da pesquisa poderá eliciar e produzir⁷.

Vejamos isto, desta feita e uma vez mais, pela análise de Jovchelovitch e Bauer (2002):

[...] para o pesquisador social – um ouvinte e um observador – a história possui sempre dois lados. Ela tanto representa o indivíduo (ou uma coletividade), como se refere ao mundo além do indivíduo. Assim como precisamos ter muita sensibilidade para perceber as imaginações e distorções que configuram toda narrativa humana, precisamos também prestar atenção à materialidade de um mundo de histórias (ibidem, p. 110).

Por tudo isto, pondera-se a força e a representatividade que narrativas autobiográficas, enquanto “histórias sobre um e sobre todos”, podem acrescentar à pesquisa qualitativa em diferentes áreas, para a leitura desta “materialidade de um mundo de histórias”.

⁷ Importante notar, adicionalmente, que quando estas narrativas já se encontram produzidas na literatura, como nos casos em que se trabalha com narrativas autobiográficas em formato de dados secundários, o registro é, ainda, da maior segurança no trabalho com esses dados por parte da maioria dos pesquisadores deste método, ratificando “(...) a importância das narrativas autobiográficas como fontes privilegiadas da pesquisa qualitativa face às inquietações com o rigor científico e a ética em pesquisa” (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016, p. 121).

5. Considerações Finais

A pesquisa com narrativas, especialmente as de caráter autobiográfico, destaca-se como uma abordagem rica e complexa nas Ciências Sociais e Humanas, permitindo uma compreensão aprofundada da experiência humana. Neste ensaio teórico-metodológico, como em uma espécie de *pot-pourri* científico-literário, exploramos diversas perspectivas, desde a visão de Bakhtin sobre a linguagem como construção dialógica até as contribuições contemporâneas de pesquisadores como Molly Andrews, Corinne Squire e Maria Tamboukou.

A diversidade de abordagens e escolas de pensamento sobre as narrativas reflete a complexidade inerente à pesquisa nesse campo. A Análise de Narrativas, longe de ser um método uníssono, oferece uma abordagem dialógica e não estruturada, permitindo uma compreensão mais profunda da historicidade da experiência humana. As narrativas, como pontes entre o indivíduo e a coletividade, revelam-se como ferramentas poderosas para a análise da realidade social, econômica, política, histórica, cultural e ambiental.

Ao discutir a relevância das narrativas autobiográficas, destacamos a importância da reflexividade autobiográfica na construção de leituras subjetivas sobre a realidade, leituras estas, por sua vez, que estão em uma incessante mediação indivíduo-coletividade. Reconhecemos, logo, a subjetividade inerente a essas narrativas, mas ressaltamos que essa subjetividade é mediada pelas dinâmicas sociais. Assim, as narrativas autobiográficas não pretendem ser ou verdades objetivas ou opiniões personalíssimas, mas sim representar interpretações particulares do mundo, enraizadas na experiência vivida – que é, em primeira e última instância, e o diremos mais uma vez, individual e coletiva.

A análise de Jovchelovitch e Bauer (2002), derradeiramente, nos lembra que as narrativas têm dois lados, representando tanto o indivíduo quanto o mundo além dele. A força analítica das narrativas autobiográficas reside, por corolário, na sua contextualização, na interação com outros tipos de narrativas (inclusive as acadêmico-científicas) e na mediação entre a subjetividade do narrador e a realidade social vista em

sua perspectiva o mais ampla possível – sendo, tudo isto, elementos que, por corolário, cremos bem exemplificados a partir do estudo apresentado de Rocha, Torrenté e Coelho (2021).

Por fim, e em última análise, vale recordar que este ensaio buscou reafirmar a Análise de Narrativas, especialmente a Análise de Narrativas Autobiográficas, como uma valiosa ferramenta teórico-metodológica para a pesquisa nas Ciências Sociais e Humanas. Reconhecemos, assim, as nuances, as complexidades e os desafios associados a essa abordagem, mas acreditamos que, quando utilizada de maneira reflexiva e contextualizada, a Análise de Narrativas (Autobiográficas) pode oferecer insights significativos e enriquecedores sobre a complexidade da experiência humana e sua inscrição na história, na cultura e na sociedade – o que quiçá se ampliará, enquanto constatação, a partir da continuidade e do crescimento das pesquisas neste escopo teórico-metodológico, ao longo dos próximos anos. Ao menos, assim o desejamos. Quiçá.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 07, n. 14, p. 79-95, 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223/pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ANDREWS, Molly; SQUIRE, Corinne; TAMBOUKOU, Maria. (Orgs.). **Doing Narrative Research**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage Publications, Inc., 2008. 159 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 384 p.

BROCKMEIER, Jens. Between Life and Story: Possibilities and Limits of the Psychological Study of Life Narratives. In: MAIERS, W.; BAYER, B.; DUARTE ESGALHADO, W. B.; JORNA, R.; SCHRAUBE, E. (Orgs.). **Challenges to Theoretical Psychology**. Toronto: Captus University, 1999, p. 206-213.

BROCKMEIER, Jens. Beyond the Archive: Memory, Narrative, and the Autobiographical Process – Explorations in Narrative Psychology. Oxford: Oxford University Press (OUP), 2015. 424 p.

CASTELLANOS, Marcelo Eduardo Pfeiffer. A Narrativa nas Pesquisas Qualitativas em Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 04, p. 1065-1076, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/1413-81232014194.12052013>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FERNANDES, Gisele Cristina Manfrini *et al.* Análise de Narrativas Autobiográficas de Fritz Schütze aplicada à Pesquisa em Enfermagem. **Texto Contexto – Enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 02, p. 01-08, 2017. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/0104-07072017004260015>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

FREITAS, Denise de; GALVÃO, Cecília. O Uso de Narrativas Autobiográficas no Desenvolvimento Profissional de Professores. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 11, p. 219-233, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/648>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

GERMANO, Idilva; BESSA, Letícia Leite. Pesquisas Narrativo-Dialógicas no Contexto de Conflito com a Lei: Considerações sobre uma Entrevista com uma Jovem Autora de Infração. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 03, p. 995-1033, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 nov. 2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. A Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LYRA, Maria C. D. P.; RIBEIRO, Anália K. R.; DECONTI, Luciane. Temporalidade e Interpretabilidade na Análise de Narrativas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e3431, p. 01-10, 2018. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/0102.3772e3431>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MACHADO, Irene A. Narrativa e Combinatória dos Gêneros Prosaicos: A Textualização Dialógica. **Itinerários – Revista de Literatura**, Araraquara, n. 12, p. 33-46, 1998. Disponível em: <<http://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2910>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, [S. l.], v. 15, n. 02, p. 320–332, 2011. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200010>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa *et al.* Narrativas no Estudo das Práticas em Saúde Mental: Contribuições das Perspectivas de Paul Ricoeur, Walter Benjamin e da Antropologia Médica. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 10, p. 2847-

2857, 2013. Disponível em: <<http://doi.org/10.1590/S1413-81232013001000009>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PASSEGGI Maria; NASCIMENTO Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As Narrativas Autobiográficas como Fonte e Método de Pesquisa Qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, Portugal, v. 33, n. 33, p. 111-125, 2016. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682/3579>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PLUMMER, Kenneth. **Narrative Power: The Struggle for Human Value**. 1 ed. Cambridge, Oxford, Boston: Polity Press, 2019. 200 p.

RICOEUR, Paul. **Do Texto à Ação: Ensaios de Hermenêutica**. (Trad. de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabano). Porto-Portugal: Rés-Editora, 1989. 189 p.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. (Trad. de Claudia Berliner – Rev. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar). São Paulo: Martins Fontes, 2010. 1198 p.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative Analysis (Qualitative Research Methods)**. Thousand Oaks, USA: Sage Publications, Inc., 1993. 79 p.

ROCHA, Renan Vieira de Santana. **Saúde Mental e Relações Étnico-Raciais no Brasil: Narrativas de Lima Barreto, Leituras Historiográficas e Elucubrações Ulteriores**. 2022. 290 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva (ISC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2022.


ROCHA, Renan Vieira de Santana; TORRENTÉ, Mônica de Oliveira Nunes de; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. **Saúde Mental e Racismo à Brasileira: Narrativas de Trabalhadoras e Trabalhadores da Atenção Psicossocial**. 01 ed. Salvador: Devires, 2021. 170 p.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática X Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 02, p. 05-06, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SCHÜTZE, Fritz. Sociological and Linguistic Analysis of Narratives. **Internationales Jahrbuch für Wissens – und Religionssoziologie – International Yearbook for Sociology of Knowledge and Religion**, v. 10, p. 07-41, 1976. Disponível em: <<http://www.springer.com/series/11066>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SCHÜTZE, Fritz. Análise Sociológica e Linguística de Narrativas. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 14, n. 02, p. e11-e52, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17117>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

Revista Aurora, v. 17, 2024. Fluxo Contínuo

 <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024007>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License

SILVA, Jefferson da; NAHUR, Marcius Tadeu Maciel. A Força Transformadora da Narrativa em Paul Ricoeur: Enfrentamento do “Analfabetismo” Existencial-Cultural. **Kínesis – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, Marília, v. 12, n. 31, p. 55-76, 2020. Disponível em: <<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/10616>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SOUZA, Antonio Carlos Carrera de; SOUZA, Carla Delgado de. Narrativas da Modernidade. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 02, n. 01, 2007. Disponível em: <<http://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/14>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

SQUIRE, Corinne. O que é Narrativa? **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 02, p. 272-284, 2014. Disponível em: <<http://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.2.17148>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

VENTURA, Lidnei; CRUZ, Dulce Márcia. Metodologia de Narrativas Autobiográficas na Formação de Educadores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 426-446, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.19.060.AO06>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz *et al.* Pesquisar exige interrogar-se: a Narrativa como Estratégia de Pesquisa e de Formação do(a) Pesquisador(a). **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 09-33, 2006. Disponível em: <<http://doi.org/10.22456/1982-8918.2904>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

NOTAS

Contribuição de Autoria: Renan Vieira de Santana Rocha é responsável concepção e elaboração do manuscrito, coleta e análise de dados, discussão dos resultados, revisão, correções e aprovação da versão final do manuscrito.

Agradecimentos: Não se aplica.

Financiamento: Não se aplica.

Comitê de ética em Pesquisa: Pesquisa bibliográfica, sem atuação com seres humanos.

Disponibilidade de Dados e Material: Sim, como *hiperlinks*, no próprio estudo.

Conflitos de Interesse: Não há conflitos de interesse.

Uso de Inteligência Artificial (IA): Não houve uso de Inteligência Artificial no processo de escrita deste trabalho.

Publisher: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Programa de Pós-Graduação Ciências Sociais. Portal de Periódicos da UNESP. As ideias expressadas neste ensaio são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Como citar este ensaio: ROCHA, Renan Vieira de Santana. Analisando narrativas na pesquisa qualitativa: notas sobre a utilização de narrativas autobiográficas em estudos das ciências sociais e humanas. **Revista Aurora**, [S. l.], v. 17, p. e024007, 2024. [DOI: 10.36311/1982-8004.2024.v17.e024007](https://doi.org/10.36311/1982-8004.2024.v17.e024007)
